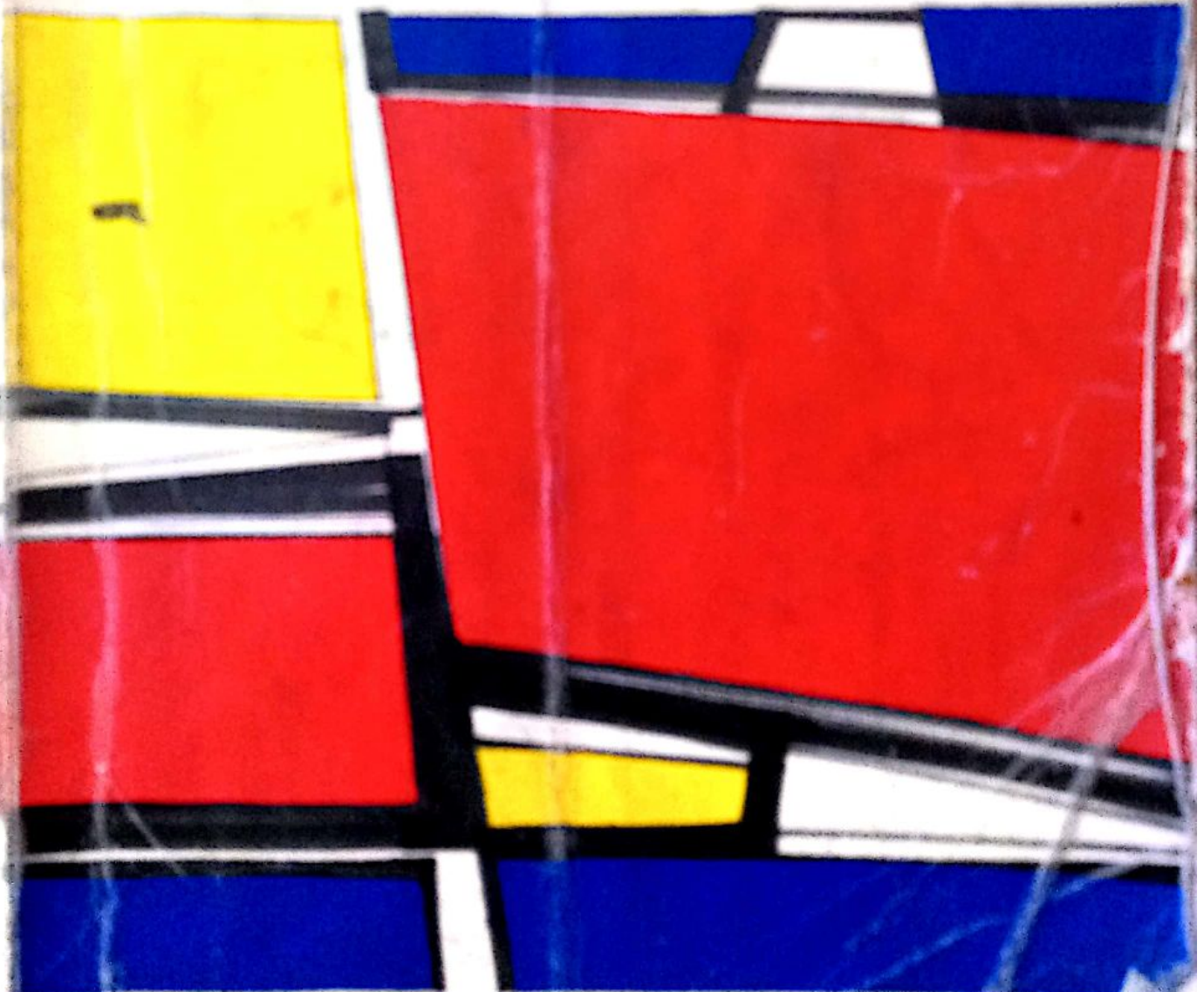


MILTON SANTOS

# ESPAÇO & MÉTODO



*Handwritten signature*

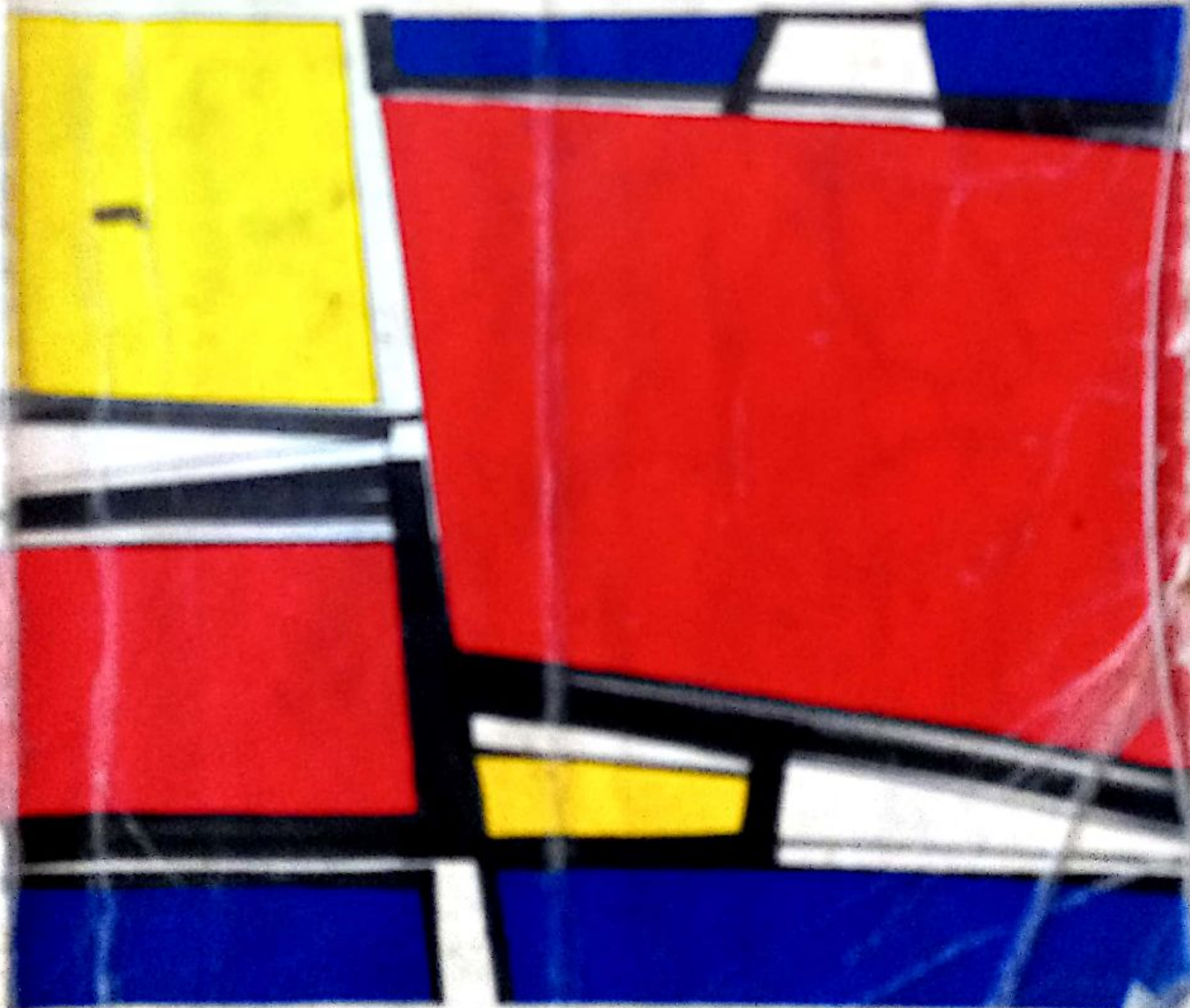
Nobel

4ª Edição



MILTON SANTOS

# ESPAÇO & MÉTODO



Nobel

Edição



# UMA PALAVRINHA A MAIS SOBRE A NATUREZA E O CONCEITO DE ESPAÇO

Entendemos a natureza como...  
o espaço não pode ser formado pelas coisas,  
os objetos geográficos, naturais e artificiais  
cujo conjunto nos dá a natureza

Uma das fontes mais freqüentes de dúvida entre os estudiosos do tema parece ser o próprio conceito de espaço, tal como nós o propusemos em outros lugares.\* Entre as questões paralelas à questão principal, surgem mais freqüentemente algumas que assim poderíamos resumir: o que caracteriza, particularmente, a abordagem da sociedade através da categoria espaço? como, na teoria e na prática, levar em conta os ingredientes sociais e "naturais" que compõem o espaço para descrevê-lo, defini-lo, interpretá-lo e, afinal, encontrar o espacial? o que caracteriza a análise do espaço? como passar do sistema produtivo ao espaço? como levar em conta a questão da periodização, da difusão das variáveis e o significado das "localizações"?

A resposta é, sem dúvida, árdua, na medida em que o vocábulo espaço se presta a uma variedade de acepções... às quais propomos mais uma. Ela é, também, árdua, na medida em que sugerimos que o espaço assim definido seja considerado como um fator da evolução social, não apenas como uma condição. Tentemos, porém, apesar das dificuldades, dar resposta às diversas indagações.

Consideramos o espaço como uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isso significa que, como instância, ele contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida. A economia está no espaço, assim como o espaço está na economia. O mesmo se dá com o político-institucional e com o cultural-ideológico. Isso quer dizer que a essência do espaço é social. Nesse caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. Assim, temos, paralelamente, de um lado, um conjunto de objetos geográficos distribuídos sobre um território, sua configuração geográfica ou sua configuração espacial e a

NATUREZA

CITADO

I.M.P. N.L.

(\*) Notadamente em: *Por uma Geografia nova*, São Paulo, HUCITEC, 1978; *Espaço e Sociedade*, Petrópolis, Vozes, 1979; *Revista Chão*, Rio de Janeiro, 1980.

...social que gera a evolução social  
→ O espaço é social e p.p



maneira como esses objetos se dão aos nossos olhos, na sua continuidade visível, isto é, a paisagem; de outro lado, o que dá vida a esses objetos, seu princípio ativo, isto é, todos os processos sociais representativos de uma sociedade em um dado momento. Esses processos, resolvidos em funções, se realizam através de formas. Estas podem não ser originariamente geográficas, mas terminam por adquirir uma expressão territorial. Na verdade, sem as formas, a sociedade, através das funções e processos, não se realizaria. Daí por que o espaço contém as demais instâncias. Ele é, também, contido nelas, na medida em que os processos específicos incluem o espaço, seja o processo econômico, seja o processo institucional, seja o processo ideológico. *Esse processo ocorre no espaço (N.L.)*

Um ponto de discussão freqüentemente levantado tem que ver com o fato de que poderíamos estar incluindo duas vezes a mesma categoria ou instância, ao definir a trama de que o contexto se elabora. Quando, por exemplo, definimos o espaço como a soma da paisagem (ou, ainda melhor, da configuração geográfica) e da sociedade. Mas isso, exatamente, indica a imbricação entre instâncias. Como as formas geográficas contêm frações do social, elas não são apenas formas, mas formas-conteúdo. Por isso, estão sempre mudando de significação, na medida em que o movimento social lhes atribui, a cada momento, frações diferentes do todo social. Podê-se dizer que a forma, em sua qualidade de forma-conteúdo, está sendo permanentemente alterada e que o conteúdo ganha uma nova dimensão ao encaixar-se na forma. A ação, que é inerente à função, é condizente com a forma que a contém: assim, os processos apenas ganham inteira significação quando corporificados. *(N. L. de A. de S.)*

O movimento dialético entre forma e conteúdo, a que o espaço, soma dos dois, preside, é, igualmente, o movimento dialético do todo social, apreendido na e através da realidade geográfica. Cada localização é, pois, um momento do imenso movimento do mundo, apreendido em um ponto geográfico, um lugar. Por isso mesmo, cada lugar está sempre mudando de significação, graças ao movimento social: a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas. *← I.M.P.*

Não confundir localização e lugar. O lugar pode ser o mesmo, as localizações mudam. E lugar é o objeto ou conjunto de objetos. A localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar.

Ademais, como a mesma variável muda de valor segundo o período histórico (sinônimo de áreas temporais de significação, ou, ainda, de modos de produção e seus momentos), a análise, qualquer que seja, exige uma periodização, sob pena de errarmos freqüentemente em nosso esforço interpretativo. Tal periodização é tanto mais simples quanto maior a escala do

2 O conteúdo contém frações do social, e por isso não é a forma e conteúdo



estudo (os modos de produção existem à escala mundial) e tanto mais complexa e capaz de subdivisões quando mais reduzida é a escala. Quanto mais pequeno o lugar examinado, tanto maior o número de níveis e determinações externas que incidem sobre ele. Daí a complexidade do estudo do mais pequeno.

Cada lugar, ademais, tem, a cada momento, um papel próprio no processo produtivo. Este, como se sabe, é formado de produção propriamente dita, circulação, distribuição e consumo.

Só a produção propriamente dita tem relação direta com o lugar. E dele adquire uma parcela das condições de sua realização. O estudo de um sistema produtivo deve levar isso em conta, seja ele do domínio agrícola ou industrial. Mas, os demais processos se dão segundo um jogo de fatores que interessa a todas as outras frações do espaço. Por isso mesmo, aliás, o próprio processo direto da produção é afetado pelos demais (circulação, distribuição e consumo), justificando as mudanças de localização dos estabelecimentos produtivos.

Como os circuitos produtivos se dão, no espaço, de forma desagregada, embora não desarticulada, a importância que cada um daqueles processos tem, a cada momento histórico e para cada caso particular, ajuda a compreender a organização do espaço.

Por exemplo, a tendência à urbanização em nossos dias, e, mesmo, o seu perfil, vão buscar explicação na importância auferida pelo consumo, pela distribuição e pela circulação, ao mesmo tempo em que o trabalho intelectual ganha uma expressão cada vez maior, em detrimento do trabalho manual. Aliás, a própria segmentação tradicional do processo produtivo (produção propriamente dita, circulação, distribuição, consumo) muito ganharia em ser corrigida para incluirmos, em lugar de destaque, como ramos automatizados do processo produtivo propriamente dito, a concepção (pesquisa), o controle, a coordenação, a previsão, paralelamente à mercadologia (marketing) e à propaganda. Ora, a organização atual do espaço e a chamada hierarquia entre lugares passou a dever grandemente, na sua realidade e na sua explicação, a esses novos elos do sistema produtivo.

Voltemos às questões iniciais: Contêm eles o espaço? O espaço os contém? Mas, não são estas questões que se resolvem por seu próprio enunciado, face à análise do real? Na realidade, este somente pode ser apreendido se separarmos, analiticamente, o que aparece como caracteristicamente formal do seu conteúdo social, este devendo ser objeto de uma classificação a mais rigorosa possível, que permita levar em conta a multiplicidade de combinações. Quanto mais acurada essa classificação, mais fecundas serão a análise e a síntese.

O espaço como um todo e os conjuntos de espaços, subsistemas



A escolha das variáveis não pode ser, todavia, aleatória, mas deve levar em conta o fenômeno estudado e a sua significação em um dado momento, de modo que as instâncias econômica, institucional, cultural e *espacial* sejam adequadamente consideradas.



N. 10 100

#### 4 - ESTRUTURA, PROCESSO, FUNÇÃO E FORMA COMO CATEGORIAS DO MÉTODO GEOGRÁFICO

N. 1

Um conceito básico é que o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe sua própria realidade; por isso a sociedade não pode operar fora dele. Conseqüentemente, para estudar o espaço, cumpre apreender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção de espaço.

Mudanças  
Processos sociais

Para expressá-lo em termos mais concretos, sempre que a sociedade (a totalidade social) sofre uma mudança, as formas ou objetos geográficos (tanto os novos como os velhos) assumem novas funções; a totalidade da mutação cria uma nova organização espacial. Em qualquer ponto do tempo, o modo de funcionamento da estrutura social atribui determinados valores às formas. Todavia, se examinarmos apenas uma fatia de tempo homogêneo, careceremos de um contexto em que possamos basear nossas observações, uma vez que a estrutura varia conforme os diferentes períodos históricos.

A produção se impõe invariavelmente com um certo ritmo, e os períodos históricos (que não passam de um outro nome para a história da produção ou da divisão do trabalho) transformam a organização espacial.

T&SE

#### A estrutura espaço-temporal

MP  
ML  
M

Assim sendo, torna-se relevante insistir no conceito de estrutura espaço-temporal em uma análise do espaço geográfico ou espaço concreto. A sociedade só pode ser definida através do espaço, já que o espaço é o resultado da produção, uma decorrência de sua história - mais precisamente, da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade.

A paisagem é o resultado cumulativo desses tempos (e do uso de novas técnicas). No entanto, essa acumulação a que chamamos paisagem decorre de adaptações (imposições) verificadas nos níveis regional e local, não só a

M. P. O. T. 55.



diferentes velocidades como também em diferentes direções. A existência de geografias desiguais no mundo (baseadas em estruturas específicas que demandam certas funções e formas) leva ao surgimento de determinadas configurações, melhor preparadas para certas inovações do que outras. Assim, podemos ter áreas onde:

- a) as inovações podem ser imediatamente aceitas e integradas ao sistema;
- b) as inovações precisam passar por um maior número de distorções a fim de se integrarem ao sistema;
- c) a estrutura imposta (inovações) mantém uma tão grande oposição relativamente às formas existentes, que estas nunca se acham inteiramente integradas ao novo; este e o velho operam lado a lado, embora não sejam duas entidades separadas e autônomas.

ver  
melhor

Por conseguinte, a paisagem é formada pelos fatos do passado e do presente. A compreensão da organização espacial, bem como de sua evolução, só se torna possível mediante a acurada interpretação do processo dialético entre formas, estrutura e funções através do tempo.



IMP

### Definições

Todas as partes de uma totalidade devem ser definidas pelo menos *grosso modo*, ainda que a definição possa tornar-se limitante. Palavras como *forma*, *função*, *processo* e *estrutura* vêm sendo usadas de maneiras tão diferentes, que cada uma delas acaba encerrando, para diferentes intérpretes, diferentes nuances de sentido. As definições aqui testadas pretendem expressar tão-somente o âmago do significado, passível de ser ampliado ou adaptado para o exame de um processo específico num dado contexto espacial.

Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo. Função, de acordo com o *Dicionário Webster*, sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. Estrutura implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. Processo pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança.

Definições



A *forma* pode ser imperfeitamente definida como uma estrutura técnica ou objeto responsável pela execução de determinada função. As formas são governadas pelo presente, e conquanto se costume ignorar o seu passado, este continua a ser parte integrante das formas. Estas surgiram dotadas de certos contornos e finalidades-funções.

Diante do exposto, torna-se evidente que a função está diretamente relacionada com sua forma; portanto, a função é a atividade elementar de que a forma se reveste. Esta última pode ou não abranger mais de uma função.

→ Pode-se expressar a forma como uma estrutura revelada. Sendo mais visível, ela é, aparentemente e até certo ponto, mais fácil de analisar que a estrutura. As formas ou artefatos de uma paisagem são o resultado de processos passados ocorridos na estrutura subjacente. Todavia, divorciada da estrutura, a forma conduzirá a uma falsa análise: com efeito, formas semelhantes resultaram de situações passadas e presentes extremamente diversas. A refletir os diferentes tipos de estrutura, aí estão as diferentes formas reveladas — naturais e artificiais. Ambas estão sujeitas a evolução e, por esse meio, as formas naturais podem tornar-se sociais.

[MP +

### *Um ponto de vista holístico*

O conceito de totalidade é uma construção válida no exame da complexidade de fatores a serem examinados na análise do contexto espacial. Como a totalidade é um conceito abrangente, importa fragmentá-lo em suas partes constituintes para um exame mais restrito e concreto. ←

Num dado tempo, num momento discreto, esses ingredientes analíticos podem ser vistos em termos de forma, função e estrutura. Mas, ao longo do tempo, deve-se acrescentar a idéia de processo, agindo e reagindo sobre os conteúdos desse espaço. A dimensão do tempo histórico, quando variados fatores têm uma maior ou menor duração ou efeito sobre a área considerada, proporciona uma compreensão evolutiva da organização espacial.

→ As inter-relações entre todos esses fatores não raro tornam-se extremamente difícil separar as suas influências sobre um espaço definido; no entanto, mesmo que as partes constituintes não expressem adequadamente o todo, é imprescindível dissecá-las, porque as generalizações precisam ser feitas com uma especificidade que possibilite sua aplicação geral.

Os conceitos de forma, função e estrutura podem ser usados como



categorias primárias na compreensão da atual organização espacial. Vistos em combinação, eles abrandam os efeitos da teorização de um único fator, que não leva em conta as características verdadeiras, inseparáveis e interatuantes do desenvolvimento espacial. É impossível analisar uma região ou área limitando-se a um desses conceitos – por exemplo, a estrutura ou a função sem consideração pelos demais fatores. Entretanto, a percepção individual do espaço e seus componentes está condicionada por fatores culturais, que podem levar o teorizador ou intérprete a superestimar este ou aquele componente. Ao avaliar as contribuições de um conjunto de fatores, não se pode ignorar a ação e reação de uns sobre os outros.

Forma, função, estrutura e processo são quatro termos disjuntivos, mas associados, a empregar segundo um contexto do mundo de todo dia. Tomados individualmente, representam apenas realidades parciais, limitadas, do mundo. Considerados em conjunto, porém, e relacionados entre si, eles constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade.

Forma, estrutura e função podem ser individualmente enunciados como o foco da organização espacial. Pode-se mesmo reduzir cada um desses conceitos até designar uma forma significativa, uma estrutura dominante ou uma função prevalente. No entanto, só através de um ponto de vista holístico é que se pode compreender uma totalidade. Enquanto a compreensão de um aspecto é necessária à apreensão do todo, é inadmissível negligenciar qualquer uma das partes contribuintes. Em segundo lugar, nenhum aspecto existe no vácuo, razão pela qual só se pode compreendê-lo pela consideração de todas as forças que atuam sobre ele e sobre seu papel no interior das relações das partes interdependentes. Finalmente, transformações históricas e variações locais demandam uma contínua rotação dos temas dominantes. O fator primário de qualquer situação só pode ser revelado após um exame cuidadoso da totalidade; não se pode escolhê-lo ao acaso, como antecipação a uma tendência e direção da pesquisa.

Em outras palavras, forma, função, processo e estrutura devem ser estudados concomitantemente e vistos na maneira como interagem para criar e moldar o espaço através do tempo. A descrição não pode negligenciar nenhum dos componentes de uma situação. Só se pode compreender plenamente cada um deles na medida em que funciona no interior da estrutura total, e esta, na qualidade de uma complexa rede de interações, é maior que a mera composição das partes. Em terceiro lugar, em sua configuração tais componentes nem são estáticos nem limitados em seu crescimento.



João Faria Faria

## A elaboração dos momentos

IMP

IMP → A história é uma totalidade em movimento, um processo dinâmico cujas partes colidem continuamente para produzir cada novo momento. O movimento da sociedade é sempre compreensivo, global, totalizado, mas a mudança ocorre a diferentes níveis e em diferentes tempos: a economia, a política, as relações sociais, a paisagem e a cultura mudam constantemente, cada qual segundo uma velocidade e direção próprias – sempre, porém, inexoravelmente vinculadas umas às outras.

IMP → Sendo a história do homem algo essencialmente dinâmico, cumpre apreender-lhe a totalidade no seio de uma estrutura teórica dinâmica, tal qual na realidade. As categorias de estrutura, função e forma nos proporcionam, talvez, o melhor modelo. Tais categorias são inseparáveis. A contradição entre forma e estrutura é que produz uma continuidade de sínteses. Se nos for permitida uma analogia gramatical, podemos pretender que a estrutura seja vista como o sujeito, a função como o verbo (ação através do processo) e a forma como o complemento (objeto do verbo).

→ Uma relação funcional diz respeito ao vínculo mantido por dois ou mais objetos a fim de poderem funcionar. Uma relação estrutural refere-se às relações entre dois ou mais objetos para poderem existir como o que eles são. Em si mesmo, o funcionalismo negligencia a transformação. Mas, sem função a estrutura perde a sua historicidade. E o tempo histórico deve ser reconhecido no estudo de qualquer totalidade em movimento (Oliveira, 1982).

Quando se estuda a organização espacial, estes conceitos são necessários para explicar como o espaço social está estruturado, como os homens organizam sua sociedade no espaço e como a concepção e o uso que o homem faz do espaço sofrem mudanças. A acumulação do tempo histórico permite-nos compreender a atual organização espacial.

## → A durabilidade das formas e o seu impacto sobre o movimento social

Por muito tempo estiveram os geógrafos preocupados com os conceitos de forma e função em conjunto. Tal combinação, contudo, só permite a descrição seccional das propriedades espaciais. Noutras palavras, quando



Q MW de m...  
vemos uma forma e seus traços característicos relacionados em termos de um lapso de tempo homogêneo, as variações funcionais passam a depender unicamente de mudanças na localização espacial, seja qual for o ponto no tempo em que se fazem as observações. A Teoria dos Lugares Centrais, criada por Christaller, exemplifica este ponto. O que muitos não conseguiram entender no passado é que a forma só se torna relevante quando a sociedade lhe confere um valor social. Tal valor relaciona-se diretamente com a estrutura social inerente ao período. Por conseguinte, precisamos compreender inteiramente a estrutura social em cada período histórico para podermos acompanhar tanto a transformação dos elementos naturais em recursos sociais quanto a mudança que esses novos recursos (formas) sofrem com o correr do tempo. Em suma, a sociedade estabelece os valores de diferentes objetos geográficos, e os valores variam segundo a estrutura sócio-econômica específica dessa sociedade.

DISSIPACÃO  
Conforme ficou implícito, o tempo (processo) é uma propriedade fundamental na relação entre forma, função e estrutura, pois é ele que indica o movimento do passado ao presente. Cada forma sobre a paisagem é criada como resposta a certas necessidades ou funções do presente. O tempo vai passando, mas a forma continua a existir. Conseqüentemente, o passado técnico da forma é uma realidade a ser levada em consideração quando se tenta analisar o espaço. As mudanças estruturais não podem recriar todas as formas, e assim somos obrigados a usar as formas do passado. A flexibilidade na construção de novas formas, quando a sociedade está passando por mudanças estruturais, decresce com o tempo, em decorrência da imobilidade inerente que por vezes caracteriza a forma preexistente. Por isso, um certo grau de adaptação à paisagem preexistente deve prevalecer em cada período.

MP. →

TESTE

Face à durabilidade das formas, a construção da paisagem converte-se em um legado aos tempos futuros. Por isso, as transformações da sociedade são, em certa medida, limitadas e dirigidas pelas formas preexistentes. Na história primitiva, havia poucas formas criadas pelo homem, sendo bastante reduzido o número daquelas estabelecidas com um sentido de permanência ou de maior impacto. O espaço assemelhar-se-ia à tela proverbial esperando pela tinta da história humana. Neste aspecto, as alternativas eram infinitas. Entretanto, cada objeto permanece na paisagem, cada campo cultivado, cada caminho aberto, poço de mina ou represa constitui uma objetificação concreta de uma sociedade e de seus termos de existência. As gerações vindouras não podem deixar de levar em conta essas formas. As cidades e as redes de transportes dos tempos modernos testemunham tal herança, que se interpõe no curso do futuro. Algumas decisões preparam o campo do porvir, outras



demandam conclusão, outras impedem qualquer alternativa, outras ainda são facilmente modificadas ou até erradicadas. No entanto, quanto mais o homem altera o espaço para criar uma paisagem repleta de artefatos e construções, tanto mais rígida se torna essa paisagem. Essa rigidez exprime o estreito escopo de alternativas para a abordagem do crescimento, e o poder de investimento assume uma forma que requer os seus corolários.

Neste sentido, o estudo da paisagem pode ser assimilado a uma escavação arqueológica. Em qualquer ponto do tempo, a paisagem consiste em camadas de formas provenientes de seus tempos progressos, embora estes apareçam integrados ao sistema social presente, pelas funções e valores que podem ter sofrido mudanças drásticas. Desse modo, as formas devem ser "lidas" horizontalmente, (\*) como um sistema que representa e serve às atuais estruturas e funções. Além disso, cumpre efetuar uma leitura vertical para datar cada forma pela sua origem e delinear na paisagem as diversas acumulações ao longo da história.

Presente → futuro  
Formas e significação social  
Formas e significação social

Se a forma é primariamente um resultado, ela é também um fator social. Uma vez criada e usada na execução da função que lhe foi designada, a forma freqüentemente permanece aguardando o próximo movimento dinâmico da sociedade, quando terá toda a probabilidade de ser chamada a cumprir uma nova função. [A cada mudança, fruto de novas determinações de parte da sociedade, não se pode voltar atrás pela destruição imediata e completa das formas da determinação precedente. Tal destruição não só é por vezes indesejável e dispendiosa, como ainda é de fato impossível. As rugosidades – formas remanescentes dos períodos anteriores – devem ser levadas em conta quando uma sociedade procura impor novas funções. Se o movimento da sociedade impõe mudanças numa cidade como São Paulo, Nova Iorque ou Tóquio, ele não pode acabar de uma vez com a totalidade dos edifícios aí existentes. Assim sendo, resta-nos tão-somente uma mistura de formas novas e velhas, de estruturas criando novas formas mais adequadas para cumprirem novas funções ou se adequando a formas velhas, criadas em instâncias já passadas.

Eis por que o primeiro período de modernização técnica para uma

(\*) Veja o Capítulo 1: "O espaço e seus elementos: questões de método".



sociedade (isto é, o momento em que ela sofre o primeiro impacto da ordem capitalista internacional) se reveste de tamanha importância. Estabelece-se então uma rugosidade – espécie de forma semipermanente – que irá afetar a evolução das funções futuras. É bom não esquecer que amiúde se estabelecem limites à estrutura pelas formas já existentes: o prático-inerte compromete o futuro.

Mas, como o valor técnico da forma é determinado não a partir da própria forma, mas das necessidades da estrutura donde ela surge, ou que nela se encaixa, segue-se que o valor da forma deve mudar na proporção em que muda a estrutura. É isto que muitos analistas deixam de ver quando consideram as realidades espaciais e sua evolução. Tais analistas argumentam por analogia, especialmente quando se trata de teorias urbanas trazidas da Europa e dos Estados Unidos: para eles, Caracas é excessivamente grande em relação à Venezuela porque, acreditam, nenhuma metrópole americana composta uma tal porcentagem da população global do país; ora (argumentam eles), um país baseado na agricultura é menos desenvolvido que um país industrial, pois tal foi o caminho no Ocidente. Um coisismo dessa natureza não toma na devida consideração o dinamismo próprio de uma dada estrutura e, portanto, da forma correspondente.

### → *A inseparabilidade concreta e conceitual das categorias*

→ Para se compreender o espaço social em qualquer tempo, é fundamental tomar em conjunto a forma, a função e a estrutura, como se se tratasse de um conceito único. Não se pode analisar o espaço através de um só desses conceitos, ou mesmo de uma combinação de dois deles. Se examinarmos apenas a forma e a estrutura, eliminando a função, perderemos a história da totalidade espacial, simplesmente porque a função não se repete duas vezes. Separando estrutura e função, o passado e o presente são suprimidos, com o que a idéia de transformação nos escapa e as instituições se tornam incapazes de projetar-se no futuro. Examinar forma e função, sem a estrutura, deixa-nos a braços com uma sociedade inteiramente estática, destituída de qualquer impulso dominante. Como a estrutura dita a função, seria absurdo tentar uma análise sem esse elemento.

Obviamente, existe uma complexa inter-relação entre atributos estruturais e funcionais, na medida em que eles se apresentam associados a variações ocorridas na forma. A relação entre os três componentes modifica-se



*em Space and Process* *AMP* *Process*  
*de Wikip*

e altera-se ao longo da dimensão temporal. As noções de forma e função referem-se especificamente à disposição dos fenômenos. A mudança não é implícita a um só conceito; por conseqüência, não podemos examinar a atual organização espacial unicamente nesses termos, se bem que certos geógrafos e planejadores continuem a estudar o mundo abstraíndo-o do tempo. Mas, como salienta Blaut em "Space and Process" (p. 3), "se, como sucedia outrora, separarmos do tempo um instante atemporal, não obteremos uma secção puramente espacial; não obteremos absolutamente nada". Nem mesmo forma, função e processo bastam. A estrutura continua a ser o ponto explícito pelo qual precisamos elaborar nossa análise. Jamais devemos arrumar uma desculpa para examinar os atuais fenômenos espaciais fora do contexto de tempo e da periodização histórica.

A formação sócio-econômica é o conceito mais adequado ao estudo da sociedade e do espaço (Moreira, 1980; Santos, 1978, 1979), por expressar a totalidade espacial em seu movimento, como uma potencialidade e uma realidade. Todavia, se no estudo da realidade espacial a *abstração* é um procedimento necessário e legítimo, a própria fragilidade do intelecto humano impossibilita o estudo da totalidade da realidade social enquanto *totalidade* apenas (J. M. Doherty, 1974, p. 2).

Não resta dúvida que não se pode estudar o todo pelo todo. Mas seria errôneo privilegiar uma variável (arrendamento de terra, forma de excedente, expressão espacial da luta de classes, papel ideológico da arquitetura, etc.), como se cada uma dessas realidades não se apresentasse como efetivamente é, ou seja, um momento, uma "região" da realidade total.

Antes de tudo precisamos encontrar as categorias analíticas que representam o verdadeiro movimento da totalidade, o que permitirá fragmentá-la para em seguida reconstruí-la. Em outras palavras, precisamos descobrir as categorias apropriadas que nos capacitarão a apreender a marca da sociedade sobre a natureza e as relações existentes antes, durante e depois dessa metamorfose. Isso já foi examinado antes.

Essas categorias são *estrutura, processo, função e forma*, que definem o espaço em relação à sociedade.

Seria errôneo supor que o trabalho de um espaço deva ser estudado apenas através de um desses conceitos, seja ele forma, função, processo ou estrutura, isoladamente. Na verdade, a interpretação de uma realidade espacial ou de sua evolução só se torna possível mediante uma análise que combine as quatro categorias analíticas, porquanto seu relacionamento é não apenas funcional, mas também estrutural.

O movimento da totalidade social acarreta mudanças no equilíbrio entre as diferentes instâncias ou componentes da sociedade, modificando



3 Co marginalizar ou não a forma física?

os processos, exigindo novas funções e atribuindo diferentes valores às formas geográficas. O espaço responde às alterações na sociedade por meio de sua própria alteração.

Separada da função, a estrutura conduz ou a um estruturalismo a-histórico e formal, ou a um funcionalismo relacionado tão-somente com o caráter conservador de todas as instituições, mas não com o problema da transformação (ver Lucien Goldman, 1966, p. 11). Se levamos em conta somente a forma, caímos imediatamente no reino do empirismo. Além disso, não basta relacionar apenas estrutura e forma, ou função e forma. No primeiro caso, supõe-se uma relação sem mediação; no segundo, uma mediação sem impulso dominante.

Só o uso simultâneo das quatro categorias — estrutura, processo, função e forma — nos permitirá apreender a totalidade em seu movimento, pois nenhuma dessas categorias existe separadamente.

A totalidade do real, implicando um movimento (processo) comum de estrutura, função e forma, é uma totalidade concreta e dialética. Seu estudo requer o conhecimento das estruturas componentes que o reproduzem, quer simultaneamente, quer separadamente. Tais estruturas, como a própria totalidade, não são congeladas; pelo contrário, elas mudam com o tempo. Sua evolução é qualitativa e quantitativamente diferente para cada uma delas e também para cada um dos seus componentes. Trata-se de uma evolução diacrônica onde cada variável ou elemento passa por uma mudança de valor relativo em cada mutação. A mudança de valor é relativa no sentido de que só pode ser apreendida como relacionada com o total. Assim é que os lugares — combinação localizada de variáveis sociais — mudam também de valor e de papel à medida que a História se desenvolve. “A diferenciação de lugares”, afirma Cassirer (1955, 1965, p. 203), “serve de base para a diferenciação de conteúdos, do Eu, Tu, Ele, de um lado, e dos objetos físicos, de outro. A crítica do conhecimento geral ensina-nos que o ato do posicionamento e da diferenciação espacial é a condição indispensável ao ato da objetivização em geral para se relacionar a representação com o objeto”.



- BLAUT, J., "Space and Process", *Professional Geographer*, v. 13, 1981. ↗
- CASSIRER, E., *The Philosophy of Symbolic Forms*, New Haven, 1955, 1965, v. 1, *Language*.
- CHRISTALLER, *Die Zentralen Orte in Suddenstschland*, Iena, 1933 (tradução americana de C. W. Baskin), *Central Place in Southern Germany*, N. Jersey, Prentice-Hall, 1966.
- DOHERTY, J. M., "Geographic Research and Methodology", *Journal of the Geographical Association of Tanzania*, nº 10, abril 1974, p. 1-3.
- GOLDMANN, L., *Sciences Humaines e Philosophie*, Paris, 1966.
- MOREIRA, Ruy, "A Geografia serve para desvendar máscaras sociais (ou para repensar a Geografia)", *Geografia e Sociedade, Revista de Cultura Vozes*, ano 74, v. LXXIV, maio 1980, nº 4, pp. 19-30
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. de, *Espaço e tempo, compreensão Materialista Dialética*. ↗
- SANTOS, Milton, *Por uma Geografia nova*, São Paulo, HUCITEC, 1978.
- *Espaço e sociedade*, Petrópolis, Vozes, 1979.
- (org.), *Novos rumos da Geografia Brasileira*, São Paulo, HUCITEC, 1982.